

## Artigos – Turismo e Sociedade

# Entrelaçando rituais de hospitalidade no Caminho de Cora Coralina: protagonismo de anfitriãs em povoados goianos

Interweaving hospitality rituals along the Caminho de Cora Coralina: hostesses' protagonism in goiano villages

Entretejiendo rituales de hospitalidad en el Camino de Cora Coralina: protagonismo de anfitrionas en poblados goianos

Lisandra Lavoura Carvalho Passos<sup>1,2</sup>, Mirian Rejowski<sup>2</sup>, Sênia Regina Bastos<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal de Goiás (IFG), Goiânia, GO, Brasil.

<sup>2</sup>Universidade Anhembi Morumbi (UAM), São Paulo, SP, Brasil.

---

### Palavras-chave:

Turismo;  
Hospitalidade;  
Literatura;  
Ritual da anfitriã;  
Meio de hospedagem.

### Resumo

No turismo em áreas naturais, destaca-se o Caminho de Cora Coralina (CCC), trilha de longo curso que homenageia a poetisa goiana Cora Coralina. Neste artigo buscamos compreender as relações de hospitalidade presentes nos rituais protagonizados pelas anfitriãs de seis meios de hospedagem em povoados desse caminho, por meio de uma pesquisa etnográfica com observação participante e entrevistas semiestruturadas. Desenvolvemos um modelo teórico que representa os rituais de hospitalidade em três etapas: iniciação (limiar e recepção), acolhimento (hospedar, alimentar, presentear, entreter e despedir) e estreitamento de vínculos (renovação dos laços sociais). Esses rituais desdobram-se em cenas e atos menores, revelando dimensões teóricas, como a ambiguidade do estranho, a desigualdade de lugar e status, a travessia de fronteiras simbólicas e a hospitalidade como forma de regulação social. Observamos a presença da dádiva, que ultrapassa a lógica comercial e ressignifica normas de hospitalidade e comensalidade. Quando as anfitriãs protagonizam a centralidade nos rituais, os vínculos com hóspedes se intensificam. Evidenciamos ainda a coexistência entre a ruralidade cotidiana das anfitriãs e a novidade da oferta de hospedagem, especialmente na gestão de lares e empreendimentos, em interações permeadas por trocas simbólicas e afetivas.

### Abstract

In nature-based tourism, the *Caminho de Cora Coralina* (CCC) stands out as a long-distance trail that honors the Goiana poet Cora Coralina. This study seeks to understand the hospitality relations embedded in the rituals performed by host women in lodging facilities along the trail. The research, of ethnographic nature, employed participant observation and semi-structured interviews in six establishments. We developed a theoretical model that represents hospitality rituals in three stages: initiation (threshold and reception), hosting (providing accommodation, food, gifts, entertainment, and farewell), and bond strengthening (renewal of social ties). These rituals unfold into smaller scenes and acts that reveal theoretical dimensions such as the ambiguity of the stranger, inequalities of place and status, the crossing of symbolic boundaries, and hospitality as a form of social regulation. We observed the presence of the gift, which transcends the logic of commercial exchange and re-signifies the norms governing hospitality and commensality. When host women assume central roles in these rituals, hospitality becomes intensified, fostering stronger ties with guests. Furthermore, we highlight the coexistence between the hosts' everyday rural life and the novelty of offering lodging, particularly in the management of homes and enterprises, in interactions shaped by symbolic and affective exchanges.

### Keywords:

Tourism;  
Hospitality;  
Literature;  
Hostess Ritual;  
Lodging.

### Resumen

En el turismo de base natural, el Camino de Cora Coralina (CCC) se destaca como un sendero de largo recorrido que rinde homenaje a la poetisa goiana Cora Coralina. Este estudio buscó comprender las relaciones de hospitalidad presentes en los rituales protagonizados por mujeres anfitrionas en

### Palabras clave:

Turismo;  
Hospitalidad;  
Literatura;  
Ritual de Anfitrionas;  
Alojamiento.

Revisado em pares.  
Recebido em: 27/06/2025.  
Aprovado em: 04/08/2025.  
Editora: Verônica Feder Mayer.

alojamientos del recorrido. La investigación, de carácter etnográfico, se basó en observación participante y entrevistas semiestructuradas en seis establecimientos. A partir de los datos empíricos, desarrollamos un modelo teórico que organiza los rituales de hospitalidad en tres etapas: iniciación (umbral y recepción), acogida (alojar, alimentar, obsequiar, entretener y despedir) y estrechamiento de vínculos (renovación de los lazos sociales). Estos rituales se despliegan en escenas y actos menores que revelan dimensiones teóricas como la ambigüedad del extraño, la desigualdad de lugar y estatus, el cruce de fronteras simbólicas y la hospitalidad como forma de regulación social. Se observa la presencia de la dádiva, que trasciende la lógica comercial y resignifica las normas de hospitalidad y comensalidad. Cuando las anfitrionas asumen un rol central en los rituales, la hospitalidad se intensifica, favoreciendo lazos más sólidos con los huéspedes. Asimismo, se evidencia la coexistencia entre la ruralidad cotidiana de las anfitrionas y la novedad de la oferta de hospedaje, especialmente en la gestión de hogares y emprendimientos, mediante interacciones marcadas por intercambios simbólicos y afectivos.



**Como citar:** Passos, L. L. C., Rejowski, M., & Bastos, S. R. (2025). Entrelaçando rituais de hospitalidade no Caminho de Cora Coralina: protagonismo de anfitriãs em povoados goianos. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo, 19, e-3227, 2025.* <https://doi.org/10.7784/rbtur.v19.3227>

## 1 INTRODUÇÃO

Muitos estudos sobre a hospitalidade no turismo tratam dos serviços voltados, por exemplo, à gestão de empreendimentos comerciais (Lugosi *et al.*, 2009; Menezes Nascimento & Erig, 2017), à competitividade de empreendimentos turísticos (Menezes Nascimento & Erig, 2017) e à experiência turística em destinos urbanos (Gelbman, 2021). Outros estudos tratam do fenômeno da hospitalidade a partir de outra perspectiva focada, por exemplo, em valores, ações e circunstâncias do acolhimento sob a ótica do anfitrião-residente (Cappellano dos Santos & Perazolo, 2012; Mendes & Cavenaghi, 2021), do hóspede-turista (Leblanc, 2003; Valduga *et al.*, 2023) e da manifestação da dádiva (Pereira & Gomes, 2023) em destinos, equipamentos ou atrações turísticas.

Quando existe uma troca comercial na prestação de serviços turísticos, percebemos que a hospitalidade pode se manifestar além da encenação ou do interesse puramente financeiro. Presenciamos, por exemplo, a tensão entre dois estranhos (Montandon, 2011), que ainda não se tornaram hóspede ou anfitrião, a diferença de status entre eles (Grassi, 2011), os direitos e deveres de cada um perante a lei da hospitalidade (Pitt-Rivers, 2012), o ritual do receber (Létoublon, 2011), o acolhimento regido pela dádiva (Mauss, 2003), a hospitableness do anfitrião (Telfer, 2004), a introdução do vínculo (Godbout, 1999) e seu fortalecimento por meio da comensalidade (Fischler, 2011). Tais aspectos se mesclam entre os domínios comercial, privado e cultural (Lashley, 2015) em meio ao crescente afluxo do turismo de natureza e da busca de atividades ao ar livre após a pandemia do Covid-19.

No cenário do turismo em áreas naturais, chamou a nossa atenção uma trilha de longo curso inaugurada em 2018, o Caminho de Cora Coralina (CCC), na região central do Brasil, no estado de Goiás, cujo nome homenageia a poetisa Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas. Trata-se de uma rota turística, com cerca de 300 km de extensão, entre os municípios de Corumbá de Goiás e a Cidade de Goiás, que passa por cidades consolidadas, pequenos povoados rurais e áreas protegidas, onde há presença de sítios naturais, históricos e arqueológicos. Assim como o Caminho de Santiago de Compostela (Espanha) que lhe serviu de inspiração, se divide em três etapas, esforço físico, esforço mental e introspecção, nas quais caminhantes e ciclistas encontram placas com trechos selecionados de poesias de Cora Coralina.

A busca de bibliografia nacional sobre esse caminho resultou em três trabalhos entre 2020 e 2022: Almeida (2020) aborda sobre o uso mercadológico do nome da poetisa; Mendonça (2021) trata da influência desse produto turístico no território; Silva (2022) enfoca a percepção dos residentes de povoados rurais quanto aos impactos. Buscando matérias da internet e contato com estudiosos, autoridades e turistas, encontramos no CCC a atuação de mulheres empreendedoras de meios de hospedagem localizados em pequenos povoados. Mulheres com costumes e um modo de vida no meio rural, mulheres simples, abertas a conversas a quem não conhecem.

A interligação entre três temáticas de interesse de estudo - hospitalidade, mulheres e turismo - levou-nos à realização de uma ampla pesquisa etnográfica entre 2020 e 2023 sobre o CCC. Este artigo apresenta os resultados de uma parte dessa pesquisa que buscou compreender as relações de hospitalidade presentes nos rituais protagonizados pelas anfitriãs dos meios de hospedagem em povoados desse caminho. Iniciamos com a descrição da aplicação do método etnográfico e da construção do modelo teórico dos rituais e cenas da hospitalidade no CCC. Em seguida apresentamos os resultados em três etapas da hospitalidade - iniciação, acolhimento e estreitamento de vínculos, com o referencial teórico permeando a sua análise e discussão.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa etnográfica foi realizada parcialmente durante a pandemia da Covid-19, com impactos diretos no seu fluxo, especialmente nas idas ao campo ocorridas em momentos espaçados mediante permissão de autoridades sanitárias e governamentais. A escolha desse método se deu por sua adequação à problemática, pois permite ao pesquisador uma abordagem direta com o pesquisado desde o primeiro contato e a interação com seu objeto de observação. A pesquisa se desenvolveu em uma etapa de exploração - teórico-intelectual e preparação para a coleta - e de imersão - estar em campo e tratamento dos dados (DaMatta, 1978; López, 1999) - a partir de diário de campo, observação participante e entrevistas semiestruturadas com um roteiro flexível. Consideramos ainda a descrição densa (Geertz, 1989) e o palco na representação teatral onde atuam o pesquisador e o pesquisado (Goffman, 2002).

A área de estudo abrangeu, inicialmente, oito povoados do Caminho nas seguintes microrregiões: Radiolândia e Caxambu, na Microrregião do Entorno de Brasília; Vila Aparecida, Alvelândia e Palestina, na Microrregião de Anápolis; e São Benedito, Calcilândia e Ferreiro na microrregião do Rio Vermelho. No entanto, como esta pesquisa se debruçou sobre os empreendimentos de hospedagem nesses povoados, onde as mulheres atuam como anfitriãs, foram excluídos os povoados de Vila Aparecida e Ferreiro, que não ofereciam serviços de hospedagem no CCC. Assim, o lócus de estudo se compõe de seis povoados, cujos meios de hospedagem, identificados como pousadas (P), são localizados no mapa da Figura 1.

**Figura 1 -** Meios de Hospedagem nos povoados do Caminho de Cora Coralina



Fonte: Elaborado pelas autoras, com design contratado (2025).

Foram quatro viagens ao campo entre 2020 e 2023, sendo as três primeiras em grupo organizado por agência de turismo (Quadro 1).

**Quadro 1 -** Fases da pesquisa de campo

Ida ao campo	Data	Trecho	Percurso	Propósito
Trecho 1 (parcial)	05/12/2020	Serra de Jaraguá a Palestina	26 km	Contato inicial com a anfitriã
Trecho 2 (parcial)	08/05/2021	Palestina a Itaguari	16 km	Contemplação do caminho
Trecho 3 (total)	16/07 a 1/08/2021	Corumbá de Goiás à Cidade de Goiás	300 km	Hospedagem Entrevista com anfitriãs
Trecho 4 (total)	Abril a maio de 2023	Radiolândia, São Benedito, Calcilândia, Caxambu, Alvelândia e Palestina	Idas pontuais aos povoados	Visita aos meios de hospedagem Entrevista com anfitriãs

Fonte: Elaboração das autoras (2024).

Particularmente, durante a caminhada total do CCC (Trecho 3), conhecemos as seis mulheres responsáveis pela oferta de empreendimentos de hospedagem localizados em cada um dos povoados do CCC e realizamos entrevistas semiestruturadas com cinco delas, pois uma entrevista aconteceu depois, via google meet, em janeiro de 2022. As transcrições foram feitas por duas graduandas de Turismo. Após leituras e releituras das transcrições na íntegra, selecionamos os estratos que foram registrados em planilha excel. Todas as participantes da pesquisa foram devidamente informadas sobre os objetivos, procedimentos e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética da Universidade Anhembi Morumbi no processo n° 53169621.3.0000.5492.

Na última ida ao campo (Trecho 4), aplicamos uma nova entrevista às anfitriãs com foco nos rituais de hospitalidade desde o momento da chegada do hóspede até a sua despedida. As transcrições dessas entrevistas foram feitas pelo aplicativo Cockatoo e o registro dos estratos selecionados em planilha excel. Para facilitar a apresentação dos resultados, cada meio de hospedagem foi considerado como pousada e codificado como P, e cada mulher, como anfitriã e codificada como A (Quadro 2).

**Quadro 2** – Codificação dos meios de hospedagem e mulheres entrevistadas

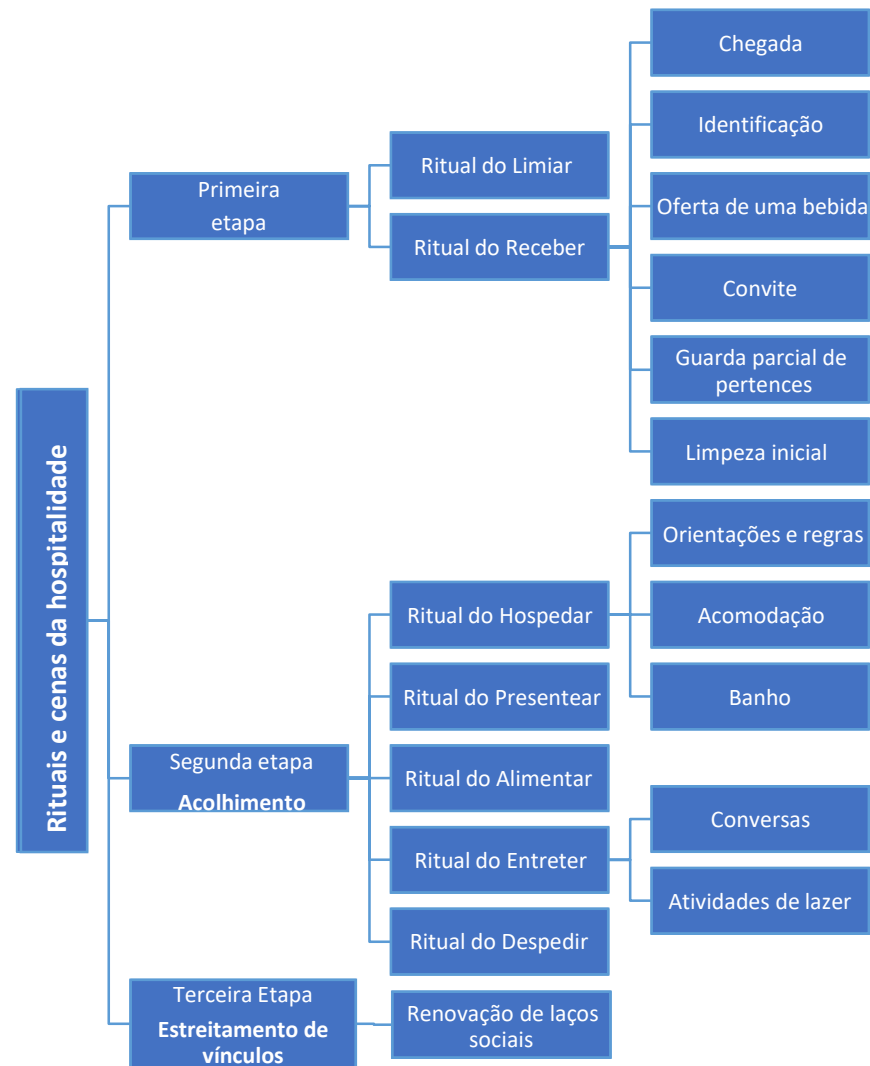
Pousada (Código - Nome)	Anfitriã (Código - Nome)	Entrevista no Trecho 3	Entrevista no Trecho 4
P1 - Fazenda Caxambu	A1 - Cleusenir Alves de Freitas Pontiere	22 julho 2021	01 abril 2023
P2 - Pousada Jardim das Flores	A2 - Cirene Gomes Mendonça	22 julho 2021	27 março 2023
P3 - Casa da Dona Bilu	A3 - Divina Mariana de Souza Barbosa	26 julho 2021	08 abril 2023
P4 - Hostel Vovó Catarina	A4 - Luciana Mateus Veloso Souza Alves	26 julho 2021	08 abril 2023
P5 - Pousa da Linda	A5 - Lindalva de Moura Oliveira Totoli	28 julho 2021	30 março 2023
P6 - Estância Carvalho	A6 - Francielly de Sá Carvalho	08 janeiro 2022	30 março 2023

Fonte: Elaboração das autoras (2024).

No Trecho 3, houve hospedagem em cada uma das pousadas, exceto na P3. No Trecho 4 não havia hóspedes nas P3 e P4, e nas demais variou entre 2 (P2) e 16 caminhantes (P1), e entre 2 (P6) e 22 (P4) ciclistas. As primeiras entrevistas (Trecho 3) variaram de 22 a 57 minutos, e as segundas, de 44 minutos a 1 hora e 12 minutos.

Com a coleta de dados finalizada, sentimos a necessidade de conceber um modelo teórico para a descrição e análise dos rituais da hospitalidade. Entre vários textos, selecionamos quatro deles, sucedendo-se a seleção dos termos-chave de cada uma dessas perspectivas teóricas alinhados ao observado em campo. Identificamos então duas etapas da hospitalidade - iniciação e acolhimento. Porém, os dados coletados indicavam uma terceira etapa - estreitamento de vínculos - a partir de alguma forma de interação entre ex-anfitriãs e ex-hóspedes. Com base nessas três etapas da hospitalidade, configuramos um modelo teórico dos seus rituais e cenas (Figura 2).

Figura 2 – Diagrama dos rituais e cenas da hospitalidade



Fonte: Elaboração das autoras (2024) com base em Bueno (2008), Grassi (2011), Létoublon (2011), Montandon (2011), Baptista (2008) e Boudou (2017).

Seguindo ordenadamente cada um desses diagramas, apresentamos a síntese das narrativas dos rituais observados e respectivas cenas identificadas nas relações entre as anfitriãs e seus hóspedes nos meios de hospedagem dos povoados do CCC.

### 3 RITUAIS E CENAS DA HOSPITALIDADE NO CCC

O estudo dos rituais de hospitalidade permite compreender que a hospitalidade não se constitui em um ato isolado, mas em um conjunto de práticas sequenciais e interdependentes, que estruturam a relação entre anfitrião e hóspede. Esses rituais, embora variem em forma e intensidade conforme o contexto sociocultural, revelam regularidades que se manifestam em diferentes etapas, da iniciação ao acolhimento, podendo se estender ao estreitamento de vínculos.

#### 3.1 Primeira Etapa da Hospitalidade: Iniciação

Retomando a etimologia da palavra hospitalidade, a partir do latim, lembramos dos termos hospes, o “hóspede”, e hostis, “o inimigo”, apesar que, na sua origem, ambos significavam “o estrangeiro”. Há um estranho parentesco entre eles, pois sempre há medo e tensão diante do outro, seja aquele que recebe, seja quem é recebido (Montandon, 2011).

## Ritual do Limiar

O estranho está no limiar, na margem, na fronteira, figurativamente em uma ponte com fragilidades e perigos entre o mundo de fora, o exterior, e o mundo de dentro, o interior (Grassi, 2011). O desafio do estranho é transpor essa ponte, entrar no território do outro e ser admitido por este. O limiar pode ser entendido como o ponto de transição entre dois estados, representando uma fronteira sutil e simbólica, que separa o conhecido do desconhecido, onde há incerteza, desconforto ou dubiedade (Grassi, 2011). É o lugar que prefigura a recepção propriamente dita, e que antecede a entrada (Landes-Ferrali, 2011). Tem por característica o de ser um ritual de passagem, momento pleno de ambiguidades entre quem está no interior, aquele que recebe, e o outro, que vem do exterior, aquele que é recebido e está de passagem.

A chegada do caminhante ou do ciclista no CCC é o momento do desconhecido, da aproximação entre estranhos, das práticas civilizatórias de hospitalidade e de um dever simbólico de receber. Essa aproximação, que já pode ter acontecido virtualmente entre anfitriã e hóspede, não diminui ou arrefece o encontro presencial entre ambos em um momento de estranheza e inquietação: “[...] eu quase não durmo. Eu fico tão preocupada em alguma coisa dar errado [...], porque [...] gosto de estar mais ou menos preparada para receber”.

Algumas pousadas possuem muros (P2, P5 e P6), outra tem uma cerca de arame farpado e estacas de madeira (P3), e em outras (P1 e P4) inexistem barreiras visuais entre a casa edificada e a rua ou estrada de acesso. Do ponto de vista simbólico, a porteira, a cerca ou mesmo a ausência de muros é um componente espacial significativo, pois remete a um vínculo “que conecta o espaço íntimo ao espaço externo (social/natural), permitindo ao sujeito perceptivo interagir com esses espaços, principalmente, através da visão” (Santos, 2015, p. 142). Quem está dentro olha o mundo de fora e quem está fora procura enxergar o mundo de dentro. Os locais sem barreiras visuais na entrada podem ser percebidos com a função semiótica dos braços abertos e serem lidos pela pessoa que chega como um convite de boas-vindas (Smoliarova, 2011).

Não identificamos cenas no ritual do limiar, apenas esse momento inicial de aproximação que separa o hóspede do anfitrião, quando a hospitalidade está em suspensão. Ao transpor essa fronteira, fica marcada a primeira passagem para dar início à hospitalidade propriamente dita com o ritual do receber.

## Ritual do receber

O receber é uma relação ainda em construção, frágil e complexa entre estranhos, uma abertura ao outro que ainda não aconteceu, onde tem início o movimento de ser aceito sob as regras e normas estabelecidas pelo anfitrião (Montandon, 2011). A admissão do hóspede é o maior desafio marcado pela ambiguidade, pois existe uma duplicidade da própria hospitalidade, que contempla o potencial da hostilidade, e a do hóspede, que pode ser amigo ou inimigo. A desigualdade de lugar e status explica o gesto de hospitalidade envolvendo a entrada em um espaço e a instalação de um ritual (Grassi, 2011) sem violência, como uma forma de regulação (Raffestin, 1997).

Na P2, o receber ocorreu de forma peculiar, pois A2 foi buscar duas hóspedes em outro povoado. Eram duas mulheres que já tinham se hospedado na pousada anteriormente e, ao descerem do ônibus, expressaram alegria no reencontro. Presenciar esse receber foi perceber a hospitalidade que circula entre dois atores (Godbout, 1999).

Em contraposição, nas P5 e P6, as anfitriãs em geral não recebem os hóspedes, pois: A5 trabalha na escola do povoado e em geral sua mãe ou sua filha recebem os hóspedes; e A6 estuda em outro município à noite e em geral a vizinha recebe os hóspedes. Mas A6 externou sua preocupação: “eu prefiro, sempre que eu posso, vir receber. Porque eu acho importante, a pessoa se sente mais acolhida... eu tomo muito cuidado com isso. Aí, eu já pergunto pro pessoal: foi bem tratado?”

No ritual de receber acontece a identificação de quem chega (Létoublon, 2011). Na P1, o grupo que estava sendo aguardado para o almoço atrasou a chegada, o que gerou apreensão de A1: “Vou deixar para fazer o arroz em pelo menos meia hora antes deles chegarem. É para comer quentinho. Porque o arroz é bom quentinho[...]”. Por volta de 13h30min chegaram quatro mulheres em uma van. A1 as recebeu e deu-lhes as boas-vindas. Perguntou em voz alta para a primeira se elas eram do grupo da guia. Ao receber a confirmação, foi perceptível a sua alegria e preocupação, pois, agora tinha que acabar de preparar a refeição. A1 ofereceu água e o refrescar na sombra da varanda e as caminhantes solicitaram tomar banho em algum lugar da casa. Ela explicou que, como o rio estava perto, poderiam se banhar nele, o que foi aceito com empolgação.

Quando o restante do grupo chegou com a presença da guia não houve dúvida de que eram as pessoas aguardadas. A1 ofereceu água fresca e indicou o banheiro externo para quem quisesse, ofereceu o rio para o banho e a mangueira para lavar o rosto.

Como não havia água farta na P1, a anfitriã ofereceu o que havia ao seu redor, para dispersar o uso da água de forma razoável. Um anfitrião infringe seus códigos se deixar de oferecer o melhor, se deixar de fazer tudo para oferecer o melhor e de excelência (Pitt-Rivers, 2012), lei que A1 não infringiu.

Na P4, o grupo aguardado era de vinte ciclistas. Como era um grupo numeroso, havia um clima de apreensão e apuro da A4, pois faltou água no povoado desde o dia anterior. Mediante contato com a empresa de saneamento recebemos a confirmação da vinda de dois técnicos após o almoço, mas como era véspera da Páscoa, a anfitriã ficou apreensiva. Apesar disso, os servidores chegaram e resolveram o problema quase no mesmo horário da chegada dos ciclistas.

A4 e sua filha desceram os degraus da entrada e foram encontrá-los, uma estratégia para que eles não entrassem com as bicicletas no corredor da pousada e sujassem o acesso aos quartos. A4 ainda pediu que eles deixassem as bicicletas encostadas na parede externa, explicou sobre a pouca água disponível e pediu a colaboração em serem rápidos e econômicos no seu uso. Para ela, o CCC é uma fonte de alegria, uma terapia, um prazer em receber as pessoas, um presente que mudou a sua vida, mesmo que nem sempre haja compreensão de hóspedes perante os problemas.

Outra situação aconteceu também na P4 naquele mesmo dia. Entre os ciclistas que chegavam, havia dois que não eram do grupo. Explicaram à A4 que não tinham reservas e perguntaram se teria lugar para dormir naquela noite. A4 ouviu com atenção e disse que, embora a pousada estivesse lotada, havia um quarto simples que eles poderiam ficar, para alívio dos rapazes. Após se acomodarem, ela informou que haveria um lanche e que eles poderiam comer.

Para A4, no momento em que os hóspedes chegam e entram na sua pousada, parece que eles não são mais estranhos:

[...] eles não são desconhecidos [...] todos somos irmãos, irmãos de coração, é irmão de alma, nós somos todo mundo uma irmandade [...] aqueles que chega aqui com aquele sorrisinho [...] já é aquela intimidade, [...] carinho, [...] amor por aquela pessoa. (A4)

Esse sorriso é uma dádiva, um ato de generosidade que transcende a mera troca de bens materiais (Godbout, 1999). Na essência do dar, receber e retribuir, criam-se laços de conexão e compartilhamento. Dar é abrir-se para o outro (Godbout, 1999), por meio de diversas formas, entre elas um sorriso, um abraço, um tempo dedicado a ouvir.

Notamos que A4 acolhe os hóspedes sem desconfiança, receio ou medo, em uma demonstração de que a hospitalidade é a abertura generosa que supõe o despojamento dos conceitos e pré-conceitos, uma oportunidade e estímulo ao encontro de todos com todos (Grassi, 2011). Podemos pensar então em um dever cristão que extrapola as relações de hóspede e anfitrião na hospitalidade, destituído de qualquer perigo, confronto ou animosidade, onde só o vínculo importa (Noguero, 2019).

Sob outro enfoque, na P2 há um espaço para guardar com segurança as bicicletas e os objetos (bastões ou cajados) e um móvel para guardar os sapatos na entrada. Essa simbologia de tirar o sapato sugere um ato de humildade, despojamento e simplicidade (Bonder, 2008). Trata-se de uma demonstração de que os protocolos e normas da casa serão seguidos pelo viajante que, ao se despojar de seus bens, não representa mais uma ameaça (Pitt-Rivers, 2012).

Percebemos que no ritual de receber estabelecem-se as bases para a interação entre o anfitrião e o hóspede, marcando o segundo tempo da hospitalidade, a passagem de uma segunda

fronteira simbólica relacionada à aceitação e inclusão do estranho na comunidade que o acolhe.

### 3.2 Segunda Etapa da Hospitalidade: Acolhimento

Acolher significa mais do que ser recebido, é lidar com o encontro, com o transpor da soleira em um tempo/espaço que possui início, meio e fim (Binet-Montandon, 2011). Em uma pousada, o hóspede paga ao anfitrião e recebe em troca o uso do espaço, a alimentação e outros serviços que contratou. No entanto, a atenção, a preocupação e o

bom atendimento do anfitrião podem ir além como um adicional, algo que extrapola o sistema de mercado e instaura o ciclo da dádiva: “tudo o que gira em torno da acolhida e de suas regras de polidez [...], se estabelece em função de um sistema permanente de transposição e de substituição” (Landes-Ferrali, 2011, p. 936). Nesse contexto, o acolhimento é pensado pelo viés das relações humanas, pelo paradigma da dádiva (Mauss, 2003).

### Ritual do hospedar

Observamos diferenças nos rituais do hospedar. Na P2, o ritual de hospedar inicia-se em um amplo espaço interno de recepção, com mesas, sofás e computador, e segue por um corredor estreito até os quartos que vão sendo indicados por A2.

Na P6, o grupo de ciclistas esperado para o jantar cancelou a hospedagem. Apesar disso, A6 explicou-nos que recebia os hóspedes com um procedimento padrão:

Eu já trago as coisas do café. Eu trago tudo certinho, já deixo aqui na geladeira. Se caso a pessoa quiser, preparar ela mesmo, os itens já estão aqui [...]. Eu falo assim, se quiser comer, é de vocês, tudo que está aí é de vocês (A6).

Depois de formalizada a hospedagem e as regras, os hóspedes são deixados sozinhos e, caso precisem de algo, poderão entrar em contato pelo celular ou contatar a vizinha. A6 explicou que faz o possível para chegar antes do hóspede:

Eu prezo muito pela chegada, por acolhimento, chegar ali na porta e já serem recebidos. Eu acho importante a pessoa sentir assim [...] praticamente em casa. [...] Eu ofereço uma água, coloco dentro do quarto, se acomodem, pode tomar um banho, depois a gente resolve a questão de pagamento (A6).

Na hospedagem do grupo de ciclistas já citado, A4 com uma lista em mãos foi indicando o quarto onde cada um ficaria acomodado. O guia dos ciclistas, antecipadamente, havia passado a lista para ela providenciar a melhor disposição. Como a P4 possui somente dois banheiros, ela serviu o lanche para alguns hóspedes aguardarem a disponibilidade do chuveiro e, na área de convivência, o antigo tanque escolar facilitou a lavagem das mãos antes das refeições.

Nessa dispersão entre tomar banho e lanchar, o grupo foi se assentando, as mesas, que estavam arrumadas com quatro cadeiras, foram juntadas, as cadeiras foram afastadas para mais pessoas ao redor da mesa. Desde a chegada do grupo os rituais foram se desenrolando como cenas imbricadas, juntas e misturadas (Létoublon, 2011). A4, com todo o temor sobre a ausência da água, já resolvida, estava mais confiante e tinha o domínio do espaço e da forma de receber. Ser anfitrião é desprender-se de medos e temores e perceber que está na condução da hospitalidade:

Hoje eu [...] posso te dizer quem sou eu. [...] hoje o Caminho de Cora me mudou. Me transformou numa nova mulher. [...] Hoje eu sei o meu valor [...] penso de fechar isso daqui, mas se algum dia chegar [...] ter que sair daqui [...] eu tenho a capacidade de ser uma pessoa melhor ainda do que eu sou hoje. (A4)

A4 é uma pessoa genuinamente hospitaleira, ou seja, apresenta a hospitableness, “um desejo por companhia, os prazeres do acolhimento, a vontade de ser agradável aos outros e o desejo de satisfazer a necessidade do outro” (Telfer, 2004 p. 197).

Por outro lado, A5 disse estar repensando em continuar com a hospedagem, face ao conflito com a família e a atividade profissional. Também citou desconforto por não poder sair de férias ou quando estava descansando em outro povoado e os vizinhos lhe telefonarem dizendo: “*tinha gente batendo na sua porta, o pessoal da mochila*”. Ela pensou assim: “*como não agendou comigo, então [...] eu [...] não tenho compromisso, só com quem agenda [...] e como estava longe [...] não voltei*”.

No ritual de hospedar, o hóspede está dentro do meio de hospedagem, recebeu as regras e orientações, passa a dispor da acomodação e do banho, e pode ser presenteado a qualquer momento como observado in loco, mas escolhemos colocá-lo em seguida a este.

## Ritual do presentear

Létoublon (2011, p. 366) ressalta os objetos oferecidos ao hóspede no momento de sua partida, como símbolos de agradecimento “destinados a comemorar para sempre o laço da hospitalidade que se deve manter na tradição familiar”. Na decomposição das cenas, Montandon (2011) distingue a entrega de presentes, como parte do ritual.

Presentear é uma forma de expressar gratidão e apreciação pela hospitalidade, e pode ser considerado um ato de respeito. Os presentes podem variar de pequenas lembranças simbólicas aos mais significativos, dependendo da ocasião e da relação entre o anfitrião e o hóspede (Gotman, 2009). Não houve momento em que as anfitriãs tenham presenteado seus hóspedes, mas, sim, o contrário, elas recebendo presentes destes.

A1 relatou que ganhou uma imagem de Nossa Senhora de presente de hóspedes que vieram pela segunda vez à sua casa. Para ela “é um dos presentes mais bonitos que eu já ganhei na minha vida. Eu sou muito devota de Nossa Senhora” (A5), uma manifestação do cuidado e carinho daquelas pessoas para com ela.

A2 também foi presenteada pelas duas hóspedes que tinham estado lá anteriormente: um prato para bolo com pedestal e uma nécessaire bordada de ipês. Em outra ocasião, ela contou que um hóspede estava machucado e ficou um dia a mais na pousada até se recuperar. Ela preparou escalda pés e o atendeu da melhor forma possível para suavizar o seu sofrimento. Esse hóspede soube de uma antiga fazenda de cana de açúcar em outro município que estava aberta à visitação e servia um brunch. Então ele perguntou se ela poderia levá-lo de carro até lá e, quando ela concordou, ouviu o convite: “você vai ser minha convidada. Eu vou pagar seu café da manhã” (A2). Entusiasmada, contou: “Pra mim foi tão bom [...] porque eu sentia vontade de ir lá, mas não tinha tido como ir. E nós fomos. Foi maravilhoso, nós dois sentamos em uma mesa gigantesca e foram nos servindo comidas deliciosas (A2).

Aqui notamos como os rituais se integram e se mesclam, pois o presente que o hóspede deu à A2 foi uma refeição em um ritual do alimentar, que reafirma a tríade dar-receber-retribuir da hospitalidade (Camargo, 2004). Esse presente memorável foi algo inesperado, algo que ficará na memória da anfitriã. Como diz Godbout (1999, p. 223), “saímos do mercado toda vez que introduzimos o valor do vínculo. Saímos voluntariamente da relação mercantil e reintroduzimos um gesto inesperado, imprevisto, uma graça”. A dádiva se fez presente.

Assim como o presente configurou uma refeição além do esperado pela anfitriã, o hóspede pode ser agraciado além ou aquém do esperado, em situações que ocorrem no ritual do alimentar.

## Ritual do alimentar

A alimentação na hospitalidade transcorre em um ritual onde o prazer do alimento está intrinsecamente ligado ao significado da dádiva oferecida a alguém, à experiência individual de desfrutar da refeição e à interação que a acompanha (Fischler, 2011). Nesse ritual, se instaura uma das expressões mais marcantes da sociabilidade humana, a comensalidade, ou seja, o ato de comer com outras pessoas, compartilhando a mesma mesa (Fischler, 2011; Boutaud, 2011). Compartilhar refeições em conjunto é um meio de estabelecer conexões, vínculos e laços sociais, onde as pessoas se sintam aceitas como parte do grupo. Por outro lado, aqueles que são excluídos da comensalidade podem experimentar uma sensação de não pertencimento ou exclusão do grupo.

Na P1, distante 27 km do município mais próximo e a 8 km do centro do povoado, A1 percorre essas distâncias quando precisa de itens vendidos em supermercados ou armazéns, além dos que produz na sua roça. Assim, planeja previamente o cardápio e as quantidades a serem adquiridas para que a compra esteja dentro das suas condições financeiras e do valor a ser cobrado do visitante.

Nessa pousada, a refeição foi servida na varanda, a maior área da casa, em duas mesas longas forradas por toalhas coloridas e uma terceira mesa próxima ao fogão a lenha. A1 previu que todos não caberiam juntos e providenciou para que ninguém ficasse em pé. A comida foi arrumada de forma que as pessoas pudessem se servir com conforto.

Uma das caminhantes comprou um refrigerante, se serviu e ofereceu para quem quisesse. Houve consumo de cerveja, pois A1 havia providenciado algumas e colocado no freezer para gelar. Para o consumo de água, havia várias garrafas colocadas nesse freezer, mas faltou água gelada no final da refeição.

Essa conexão direta entre compartilhar uma refeição e estar fisicamente na mesma mesa ressalta o aspecto social e de convivência inerente à comensalidade. Ao partilhar uma mesa, as pessoas não apenas compartilham alimentos, mas, também, experiências, conversas e laços sociais, fortalecendo, assim, os vínculos entre elas. Embora as

ocasiões de compartilhar refeições possam ter efeitos integradores, também evocam elementos desintegradores (Fischler, 2011).

Na P5, a refeição não seria preparada pela anfitriã, mas terceirizada para um restaurante, que traria marmitex no período da noite. Soubemos que era o mesmo restaurante que havíamos almoçado e não gostado.

As relações entre o grupo e A5 foram de um estranhamento constrangedor, desde quando ela anunciou duas opções de prato – um com bife e outro com frango – até a entrega maior quantidade de marmitex somente de frango, ao contrário do solicitado. Foi embaraçoso e ela percebeu o sentimento de frustração do grupo e de duas hóspedes vegetarianas. O clima ficou tenso e a maioria não sabia o que fazer.

Uma das autoras deste artigo que estava presente perguntou se eles comeriam bruschettas, caso ela as preparasse para o jantar. O aceite foi unânime, e, com cautela, ela pediu permissão de A5 para usar o espaço e alguns utensílios da cozinha, o que foi autorizado. A5 perguntou o que eram bruschettas, pois nunca havia comido alguma.

Com permissão para usar a cozinha, foram comprados os itens necessários e três garrafas de vinho, e preparadas duas fornadas. Quando prontas, oferecemos primeiro para A5, seu marido e sua filha. Em seguida, as bruschettas foram servidas na varanda, assim como o vinho em uma noite com conversas divertidas.

Observamos nessa situação de incômodo e animosidade uma violação das leis da hospitalidade quando o anfitrião deixa de atender às necessidades e desejos dos hóspedes ao desrespeitar a lei não escrita de um bom relacionamento, ou seja: anfitrião e hóspede devem honrar-se mutuamente e o anfitrião concede precedência ao convidado (Pitt-Rivers, 2012).

Situações de hostilidade são passíveis de acontecer, mas poderiam ter sido minimizadas se as regras estivessem claras sobre como seriam as refeições e o grupo pudesse ter feito outras escolhas. A quantidade de alimentos que ficou na geladeira causou incômodo pelo desperdício e pelo custo gerado.

Em 2023, ao retornarmos à P5, a anfitriã informou que não oferece mais refeição: *“quando eu vou conversar com ele [o hóspede] ou quando ele está comigo, eu já passo o telefone da Silvia [proprietária do restaurante] e, aí, eles já combinam”*. Para o café da manhã, ela indica a padaria do povoado.

Ao contrário da P5, na P4 houve demonstrações de euforia dos hóspedes ao ver o alimento sobre a mesa e exultação e contentamento ao provarem as iguarias. Alguns alimentos que são preparados em povoados, foram se tornando significativos, como o bolo de banana em formato de coração feito por A4, que ficou conhecido pela divulgação dos visitantes nas redes sociais: *“[...] o bendito e abençoado bolo de banana! Tem gente que chega aqui, nunca me viu e pergunta se vai ter o bolo de banana do coração. Eu sempre faço. Apesar de estarmos em uma região farta em abacaxi, eu não deixo o bolo de banana faltar”* (A4). Todas as demais preparações de pão de queijo, biscoito de queijo, broa de fubá e torta salgada também são feitas por A4.

Nesse ritual o prazer da comida está intrinsecamente ligado ao significado da dádiva oferecida a alguém, ao grau de satisfação que se obtém com a refeição e à interação que acompanha o desfrute do alimento compartilhado, dividido. Mesmo sem saber, A4 exerceu um rito de hospitalidade por meio da alimentação e demonstrou alegria em compartilhar o que produz (Boutaud, 2011; Caillé et al., 2014).

Nas outras três pousadas observamos algumas similaridades e diferenças em relação à alimentação: na P6, o hóspede pode optar pelo jantar preparado por A6 ou fazer sua própria comida na cozinha. Na P3, A3 utiliza muitos alimentos do seu quintal e sempre tem porco congelado e, se for preciso, mata uma galinha e faz comida caipira. Na P2, A2 se prepara com antecedência para adquirir os alimentos nas cidades próximas, e comentou que a área da cozinha foi concebida como um espaço amplo, aberto e arejado, com uma única mesa, longa e dois bancos para todos se sentarem ao seu redor.

A comensalidade é descrita por Boutaud (2011) como uma dimensão da hospitalidade, uma forma de receber, de abrir as portas simbólicas ou não. Entre ou após o hospedar e o alimentar, podem ocorrer momentos de descontração, alegria e convívio por meio de alguma forma de entretenimento, que apontam também um ritual da hospitalidade.

### Ritual do entreter

Léutoblon (2011, p. 354), expõe sobre o banquete ser “enriquecidos eventualmente com festividades (jogos atléticos, sessões de poesia e de música ou danças...)” nos rituais referenciados por Homero na Odisseia. Esses elementos tornam a experiência dos convidados mais rica e prazerosa, algumas vezes, inesquecíveis. Camargo (2004,

p.19) inclui o entreter como um dos tempos da hospitalidade. O entretenimento pode envolver o aspecto lúdico das conversações, além de outras formas, pois o anfitrião deve divertir um hóspede (Dias, 2002).

Quando A1 morava na antiga fazenda Caxambu, o entretenimento era a conversa em torno da mesa, a contação de histórias, os causos e as conversas dos hóspedes com ela e seu marido. Ele se recordou de um grupo que trouxe um violão: *“foi lindo, eles ficaram lá na fazenda,... [cantando] a noite toda lá”, e acrescentou: “essa turma era animada, ninguém pediu pra assistir televisão, ficaram... bebendo, batendo papo e cantando. Isso é coisa antiga, da roça”* (A1).

A preocupação com o entretenimento fez A2 impedir que a mãe vendesse o violão para deixá-lo na pousada, pois *“as pessoas gostam de cantar, conversar [...] às vezes, tomam um vinho, tomam uma cerveja, mas não ficam aqui toda a vida. O entretenimento é a convivência”*. Ela ainda comentou que com a churrasqueira na cozinha, às vezes os hóspedes assam carne e conversam até mais tarde, mas é raro, pois eles têm que acordar cedo para caminhar.

Na P4, onde as luzes externas apagam próximo às 22h, o entretenimento também é ao redor da mesa ou no corredor, após o jantar. A4 citou um acontecimento especial, a comemoração do aniversário de uma caminhante de 86 anos, cujas amigas, que faziam junto o CCC, combinaram com A4 a preparação de uma festa surpresa, e os familiares chegaram para comemorar. A4 contou que foi um dia de emoções e correrias com apoio dos próprios hóspedes.

Eu fiz tudo, foi tudo de bom. [...] Ela não sabia da festa...Eu fiz um bolo pra ela de coração, eu lembro como se fosse hoje... Teve gente me ajudando,[...] Fazia uma coisa e outra ajudava a preparar uma galinhada, além do feijão, salada, suco e macarronada. [...] Você não tem noção. Veio sobrinha, netas, amigos deles [...], jantaram comigo [...] (A4).

As atitudes da A4 expandem e valorizam as relações sociais com os seus hóspedes. O gesto da hospitalidade ultrapassa a fronteira da materialidade e evidencia a humanização como fator indispensável na relação de acolhimento ao outro, pois a riqueza ou identidade dos lugares está na forma como *“são apropriados, percebidos, desfrutados, amados, e, sobretudo, partilhados”* (Baptista, 2008, p. 6). A partilha dessa comemoração, desse encontro familiar ficará na lembrança de todos que participaram.

A3 não se recorda de ter entretenimento em sua casa: *“a gente não tem condição de ter mais uma melhoria e oferecer mais coisa né? Mas, se Deus quiser, e Deus quer porque eu vou [...], fazer uma área em volta [...] a rede pra deitar, um lugar pra distrair* (A3).

O entretenimento na P6 não está associado a um ritual. O espaço contém piscina, mesa de sinuca, playground e churrasqueira que ficam à disposição do hóspede, sem restrições.

Percebemos que o entreter nas pousadas do CCC assume principalmente as conversas na varanda ou ao redor da mesa, e eventualmente, o tocar do violão por algum hóspede ou o contar fatos e causos da região. O acolhimento se encaminha para o seu final quando o hóspede se despede para ir embora.

### Ritual do despedir

É na despedida, que a relação instaurada entre o anfitrião e o hóspede se tornou mais importante do que aquilo que a originou, pode ser um momento difícil, de tristeza, de gratidão:

*É que eles passavam pra gente uma energia tão, assim. [...] A gente se sentia importante [...]. Pra quem viveu sempre [...] no meio do mato, né? Era [...] muito triste mesmo quando eles saíam. A gente ia com eles até na ponteira, dando tchau [...]. Tirava fotografia. E a coisa mais linda também, algumas pessoas [...] pediam pra gente fazer uma oração [...], lá no meio do curral [...]. (A1).*

A2 cultiva o hábito de acompanhar o hóspede até a porta, em um sentimento de gratidão pela sua presença, ao mesmo tempo em que registra a despedida em fotos, o que indica a hospitalidade de motivação oculta (Telfer, 2004), para promover o seu meio de hospedagem. Frequentemente, leva os hóspedes de carro por um trecho asfaltado até o início do CCC e, às vezes, caminha com eles por 5 a 8 km na trilha, o que seria totalmente desinteressado?

A4 não demonstra algum interesse oculto em sua despedida, o que remete a traços de uma hospitalidade altruísta, generosa, benevolente, disposta a dar prazer aos hóspedes sem esperar um retorno deles: *“[...] uma forma pura - de hospitalidade, em grande medida desprovida da expectativa de retorno pessoal, por parte do anfitrião, a despeito da satisfação emocional que possa advir da prática da hospitabilidade”* (Lashley, 2015, p. 84-85).

A5 se despede na noite anterior, pois, geralmente, não vê o hóspede no momento da partida: “[...] a gente já se despede e acerta tudo na hora de dormir, né?”. Perguntamos como o hóspede faz com o portão da frente da casa e ela respondeu: “Ah, o portão, o portão, [...] a gente nunca trancou o portão.” Assim, a anfitriã rompe a sua relação com o hóspede antes da sua saída, finalizando o contrato, caracterizando a chamada hospitalidade comercial (Telfer, 2004).

Na despedida, o contrato está se encerrando e anfitrião e hóspede se posicionam para os diálogos e manifestações finais de hospitalidade. Mas, após a etapa do acolhimento, algumas anfitriãs tinham contatos com as pessoas que acolheram, em uma última etapa denominada estreitamento de vínculos.

### 3.3 Terceira Etapa da Hospitalidade: Estreitamento de Vínculos

A partir da perspectiva da anfitriã, podemos analisar o estreitamento de vínculos com o hóspede como uma estratégia para, por exemplo, conseguir, no futuro, uma indicação ou avaliação positiva do meio de hospedagem e do seu acolhimento. Tal aspecto possibilita a compreensão de que na retribuição ao hóspede há a camuflagem da dádiva, visto que a anfitriã espera obter benefícios, com a divulgação positiva de seu meio de hospedagem. Mas, também notamos ações em prol desse estreitamento simplesmente pelo prazer da anfitriã em caminhar com os ex-hóspedes parte do CCC, alongando o tempo de convívio e sociabilidade com eles, ou saber se eles chegaram bem em seus destinos, em uma preocupação aparente com a segurança.

A2 busca renovar esses laços ao conversar com os hóspedes pelas redes sociais ou pelo aplicativo WhatsApp para acompanhar o restante de sua jornada pelo caminho. Ela posta as fotos autorizadas nas redes e, até segue o rapaz que lhe presenteou com o brunch: “Eu o acompanho nas redes sociais” (A2).

Diferentemente de A2, que domina as redes sociais, A3 telefona para a pessoa nos dias seguintes, às vezes, até semanas e meses depois, para saber como estão: “É, eu faço isso mesmo, porque a gente tem que ter comunicação. Porque não sabia que tá bem, se chegou bem [...]” (A3).

Essa demonstração de ações, que transpõe a etapa do acolhimento das anfitriãs, é facilitada pelos meios virtuais no âmbito do ciberespaço, em um ambiente de interação e relacionamento entre aquelas que foram anfitriãs e aqueles que foram hóspedes.

## 4 ESTRUTURAS TEÓRICAS DE SUSTENTAÇÃO DA HOSPITALIDADE

Para sintetizarmos os resultados desta pesquisa, apresentamos o Quadro 3 com a indicação dos rituais e cenas contemplados em cada pousada (P), onde a cor – escura, média ou clara - mostra a intensidade da manifestação da hospitalidade protagonizada pela respectiva anfitriã (A).

**Quadro 3** – Rituais das etapas da hospitalidade nas pousadas dos povoados do CCC (continua)

Etapas	Rituais	Pousada (Anfitriã)					
		P1 (A1)	P2 (A2)	P3 (A3)	P4 (A4)	P5 (A5)	P6 (A6)
Iniciação	Limiar						
	Receber						
Acolhimento	Hospedar						
	Presentear						
	Alimentar					Hostilidade	Vizinha fez o jantar

**Quadro 3** – Rituais das etapas da hospitalidade nas pousadas dos povoados do CCC (conclusão)

	Rituais	Pousada (Anfitriã)					
		P1 (A1)	P2 (A2)	P3 (A3)	P4 (A4)	P5 (A5)	P6 (A6)
Acolhimento	Entreter						
	Despedir						
Estreitamento de Vínculos	R. Laços Sociais						

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Na iniciação, encontramos dois rituais da hospitalidade, presentes nas P1, P2, P3 e P4, mas com maior intensidade nas P1 e P2. A ênfase está no encontro de quem chega com quem está recebendo, marcado pela ambiguidade do estranho (Montandon, 2011).

No acolhimento, os rituais do hospedar e do alimentar estão presentes em todas as pousadas, enquanto o do presentear e do entreter apareceram apenas nas P1 e P2. Observamos que houve um momento de hostilidade na P5 pela oferta da refeição diferente do solicitado pelos hóspedes e a falta de hospitalidade da anfitriã na P6, pois o jantar foi preparado pela vizinha. Nesta etapa emerge claramente o protagonismo da anfitriã, em referência: aos direitos e deveres do hóspede (Pitt-Rivers, 2012); ao mecanismo regulador da relação entre anfitriã e hóspede (Raffestin, 1997); à oferta presentes (Godbout, 1999) com a presença da dádiva como algo além da troca comercial (Godbout, 1999), à comensalidade (Fischler, 2011) que promove a integração entre os hóspedes e destes com as anfitriãs; à assimetria em papéis (Grassi, 2011), quando o hóspede e a anfitriã alternam seus papéis; e a hospitaleness (Telfer, 2004) de algumas anfitriãs que mostra uma linha tênue entre a hospitalidade encenada e a genuína.

Por fim observamos que nas P1, P2 e P3 a hospitalidade se manifestou no estreitamento de vínculo com a renovação de laços sociais com ex-hóspedes, também com maior intensidade nas P1 e P2 gerando conexões duradouras (amizade, confiança...).

Diante disso, considerando a ocorrência dos rituais e cenas nessas três etapas da hospitalidade, constatamos que a sua manifestação mais forte ocorreu nas P1 e P2, com destaque, portanto, para o protagonismo das A1 e A2, seguida por uma média manifestação nas P2 e P3 e uma fraca manifestação nas P5 e P6.

Cada etapa da hospitalidade carrega significados próprios e cumpre funções específicas na transição de um para outro com limites simbólicos entre os rituais e cenas entremeados com dimensões simbólicas, sociais e políticas (Létoublon, 2011). Ao examinar os rituais em sua totalidade, evidenciou-se que a hospitalidade é menos um gesto circunstancial e mais uma trama de interações que organiza, legitima e dá sentido ao encontro entre sujeitos.

## 5 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, encontramos nos rituais de hospitalidade um conjunto de cenas sequenciais, por vezes sobrepostas, que se repetem quando um hóspede entra em um meio de hospedagem dos povoados do CCC. Percorrendo e vivenciando ambientes distintos, compreendemos os rituais e cenas de hospitalidade nas etapas de iniciação, acolhimento e estreitamento de vínculos.

No ritual do limiar, na etapa da iniciação, embora a hospitalidade não se apresente na forma de relações pessoais, associa-se a momentos de tensão e dúvida, tanto por parte do caminhante que ainda não é hóspede, como por parte da mulher responsável pelo meio de hospedagem que ainda não é anfitriã. Percebemos ainda que as anfitriãs não planejam os rituais e cenas da recepção, apesar da chegada se evidenciar como um momento de interação inicial com o hóspede.

Na etapa de acolhimento, notamos que os rituais do hospedar e do alimentar são essenciais para as anfitriãs. As cenas de orientações e regras, acomodações e banho foram contempladas na totalidade, ao contrário das cenas de conversas e atividades de lazer. O ritual do presentear foi contemplado apenas quando os hóspedes retornaram

aos mesmos meios de hospedagem. No ritual do despedir as anfitriãs despedem-se com cortesia, no entanto, uma das anfitriãs o desconsidera.

No estreitamento de vínculos, os contatos posteriores à hospedagem, embora possam viabilizar a sua divulgação e promoção, ainda assim, estreitam as relações de hospitalidade a ponto de resultar no retorno do hóspede.

Diante disso, quando todos os rituais e as cenas são protagonizados pelas anfitriãs, as relações de hospitalidade caracterizam-se por sua intensidade viabilizando eventuais vínculos com seus hóspedes. Percebemos então que a proximidade com a urbanidade e as transformações dela decorrentes não retiraram do cotidiano das anfitriãs a presença de conhecimentos, fazeres e saberes ancestrais do meio rural.

Ressalta-se, ainda, que essas anfitriãs são mulheres que modificaram suas vidas familiares e empreenderam um meio de hospedagem, compondo uma nova renda para a família, encontrando uma razão e um propósito de vida. Assim, foram se aproximando das diversas Coras, de seus poemas, da sua vida, de alguém que também lutou e batalhou pelo que quis e acreditava, sendo para elas uma fonte de inspiração. Há nelas uma resiliência, um desejo de continuar, uma alegria em receber, um propósito em suas ações. Elas tornaram-se protagonistas de suas próprias vidas. Diante disso, vislumbramos que a questão da feminilidade no âmbito de dos rituais de hospitalidade é um tema profícuo, tanto no ambiente rural ou urbano, quanto em espaços domésticos ou comerciais.

Apesar da riqueza dos dados obtidos, este estudo apresenta limitações decorrentes do recorte territorial restrito aos povoados do Caminho de Cora Coralina, o que pode não abarcar a totalidade das dinâmicas de hospitalidade em contextos rurais ou urbanos distintos. Ademais, a focalização nas experiências das anfitriãs, embora fundamental, limita a compreensão integral das interações, pois não inclui o olhar dos hóspedes nem de outros atores envolvidos nos meios de hospedagem. Além disso essas limitações abrem caminhos para investigações futuras que possam ampliar a diversidade de perspectivas e analisar os impactos das transformações socioculturais e econômicas sobre os rituais de hospitalidade em outras regiões e contextos.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, M. G. (2020). O Caminho de Cora Coralina – turismo literário ou marketing do turismo? *Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais*, 9(1), 237-249. <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/10083>
- Baptista, I. (2008). Hospitalidade e eleição intersubjectiva: sobre o espírito que guarda os lugares. *Revista Hospitalidade*, 5(2), 5-14. <http://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/150>
- Binet-Montandon, C. (2011). Acolhida: uma construção do vínculo social. In A. Montandon (Ed.), *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (pp.1171- 1184). São Paulo: Senac.
- Bonder, N. (2008). *Tirando os sapatos: o caminho de Abraão, um caminho para o outro* [Trecho de entrevista realizada por T. Menai]. Rio de Janeiro: Rocco.
- Boudou, B. (2017). Elementos para uma antropologia política da hospitalidade. In L. B. Brusadin (Org.). *Hospitalidade e Dádiva: a alma dos lugares e a cultura do acolhimento* (pp. 261-280). Curitiba: Prismas.
- Boutaud, J. (2011). Comensalidade: compartilhar à mesa. In A. Montandon. *O livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011.
- Bueno, M. S. (2008). *Hospitalidade no Jogo das relações sociais*. São Paulo: Vieira.
- Caillé, A., Chaniel, P., Cova, B., Gauthier, F., & Rémy, É. (2014). Consommer, donner, s'adonner: les ressorts de la consommation. *Revue du M.A.U.S.S.*, (44). <https://www.cairn.info/revue-du-mauss-2014-2.htm>
- Camargo, L. O. L. (2004). *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph.
- Cappellano dos Santos, M. M., & Perazzolo, O. A. (2012). Hospitalidade numa perspectiva coletiva: o corpo coletivo acolhedor. *Revista Brasileira De Pesquisa Em Turismo*, 6(1), 3–15. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v6i1.484>
- DaMatta, R. (1978). O ofício do etnólogo ou como ter Anthropological Blues. In E. O. Nunes (Org.), *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social* (pp. 23-35). Rio de Janeiro: Zahar.
- Dias, C. (Ed.). (2002). *Hospitalidade: reflexões e perspectivas*. São Paulo: Manole.

- Fischler, C. (2011). Commensality, society and culture. *Social Science Information*, 50(3-4), 528-548. <https://doi.org/10.1177/0539018411413963>
- Geertz, C. (1989). Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In *A Interpretação das Culturas* (pp. 13-41). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gelbman, A. (2021). Tourist Experience and Innovative Hospitality Management in Different Cities. *Sustainability*, 13(12), 6578. <https://doi.org/10.3390/su13126578>
- Godbout, J. (1999). *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: FGV.
- Goffman, E. (2002). *A representação do eu na vida cotidiana* (10ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Gotman, A. (2009). A encenação da hospitalidade. In Bueno & Camargo (Eds.). *Cultura e consumo: estilos de vida na contemporaneidade* (pp. 115-134). São Paulo: SENAC.
- Grassi, M. (2011). Transpor a soleira. In A. Montandon (Org.), *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (pp. 45-53). São Paulo: Senac.
- Landes-Ferrali, S. (2011). Marcel Proust. Uma antropologia "de salão". In A. Montandon (Org.), *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (pp. 935-956). São Paulo: Senac.
- Lashley, C. (2015). Hospitalidade e hospitabilidade. *Revista Hospitalidade*, 70-92. <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/566>
- Létoublon, F. (2011). Grécia Arcaica: os Deuses à mesa dos homens. In A. Montandon (Org.). *O Livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (pp. 353-377). São Paulo: Senac.
- López, G. L. (1999). O Método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na Pesquisa. *Textura: Revista de Educação e Letras*, 1, 45-50. <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/660>
- Lugosi, P., Lynch, P., & Morrison, A. (2009). Critical hospitality management research. *The Service Industries Journal*, 29(10), 37-41. <https://doi.org/10.1080/02642060903038879>
- Leblanc, M. (2003). Un geste d'accueil ou un service? La perception des touristes. *Téoros*, 22(3). <https://doi.org/10.7202/1071348ar>
- Mauss, M. (2003). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.
- Mendes, B. C., & Cavenaghi, A. J. (2021). A hospitalidade pelas dimensões do acolhimento e pertencimento: uma análise sobre a percepção do anfitrião-residente de Campos do Jordão. *Revista Turismo em Análise*, 32(1), 162-184. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v32i1p162-184>
- Mendonça, D. P. (2021). *Caminho de Cora Coralina em Goiás: Significados, usos e relações sociais* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Goiás]. Goiânia. <https://www.btdt.ueg.br/handle/tede/811>
- Menezes Nascimento, M. E., & Erig, G. A. (2017). Hospitalidade como vantagem competitiva: um estudo de caso dos empreendimentos turísticos de Palmas na visão dos atores. *Ágora*, 19(2), 89-100. <https://doi.org/10.17058/agora.v19i2.9520>
- Montandon, A. (2011). Espelhos da Hospitalidade. In *O Livro da Hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (pp. 31-38). São Paulo: Senac.
- Noguero, F. T. (2019). *A hospitalidade na Bíblia e nas grandes religiões* [Trad. Alexandre Panosso Netto]. São Paulo: Ideias & Letras.
- Pereira, J. K. D. C., & Gomes, C. L. (2023). Tramas da hospitalidade hosteleira: dádiva ou exercício cênico? *Turismo: Visão e Ação*, 25, 445-460. <https://doi.org/10.14210/rtva.v25n3.p445-460>
- Pitt-Rivers, J. (2012). The law of hospitality. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 2(1), 501-517. <https://doi.org/10.14318/hau2.1.022>
- Raffestin, C. (1997). Réinventer l'hospitalité. *Em Communications*, (65).
- Santos, K. J. C. (2015). *A casa e os caminhos de dentro: um estudo sobre o espaço habitado em contos de Moacyr Scliar*. [Tese de doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal da Paraíba]. João Pessoa. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8231>

- Silva, A. A. (2022). *Turismo no espaço rural do Caminho de Cora Coralina – GO: uma análise do sentimento de pertencimento da população residente e da valorização das culturas e tradições goianas*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto Federal de Goiás]. Goiânia.
- Smoliarova, T. (2011). Artefatos de boas-vindas. In A. Montandon (Org.), *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas* (pp. 439-452). São Paulo: Senac.
- Telfer, E. (2004). A filosofia da "Hospitalidade". In C. Lashley & A. Morrison (Orgs.), *Em busca da Hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado* (pp. 53-78). Barueri: Manole.
- Valduga, M. C., Costa, C. M. M. D., & Breda, Z. M. D. J. (2023). A percepção da hospitalidade na cidade do Rio de Janeiro: o olhar dos turistas internacionais. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 16, e-2526. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2526>

---

## Informações dos autores

### Lisandra Lavoura Carvalho Passos

Doutora em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi; Mestre em Geografia na Universidade Federal de Goiás; Licenciada em Educação Profissional e Tecnológica no eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer pelo Instituto Federal de Goiás e a Universidade Aberta do Brasil e Tecnóloga em Administração Hoteleira no Senac Ceatel, graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Goiás. Professora Titular do IFG. Suas pesquisas tratam dos temas: Hospitalidade no Turismo; Trilhas de longa distância e Turismo; Hotelaria e Gastronomia.

Contribuições: Conceituação, Análise formal, Investigação, Metodologia, Supervisão, Redação do manuscrito original.

E-mail: [lisandra.passos@ifg.edu.br](mailto:lisandra.passos@ifg.edu.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3068-512X>

### Mirian Rejowski

Livre docente em Teoria do Turismo e do Lazer, Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professora Titular do Programa de Pós-graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi e Professora Sênior da Universidade de São Paulo. Consultora "ad hoc" de agências de fomento e parecerista de periódicos de Turismo e Hospitalidade. Suas pesquisas tratam dos temas: Hospitalidade no Turismo, Comunicação Científica em Turismo e Hospitalidade e Ensino Superior em Turismo e Hospitalidade.

Contribuições: Análise formal, Metodologia.

E-mail: [mirwiski@gmail.com](mailto:mirwiski@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6135-0221>

### Sênia Regina Bastos

Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, bolsista de Produtividade em Pesquisa (nível 1 D - CNPq), membro titular do Comitê de Assessoramento de Arquitetura, Demografia, Geografia, Turismo e Planejamento Urbano e Regional do CNPq, na Universidade Anhembi Morumbi é professora do Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade e da graduação em Gastronomia, e líder do Grupo de Pesquisa Dimensões e Contextos da Hospitalidade (CNPq). Suas pesquisas tratam dos temas: Hospitalidade, História do Turismo; Imigração e Patrimônio Cultural.

Contribuições: Conceituação, Análise formal, Metodologia, Redação - revisão e edição.

E-mail: [seniastostos@gmail.com](mailto:seniastostos@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9978-1836>

---

## Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados devem ser solicitados ao(à) autor(a) pelo email [lisandra.passos@ifg.edu.br](mailto:lisandra.passos@ifg.edu.br).